



O que era dito, mais ou menos assim. A afirmação (ou opinião?) do professor talvez um tanto agressiva para os alunos. A maneira peculiar de melindrar dizendo que impressões particulares só interessam a si próprio foi intensificada, de agosto de 2016 a outubro de 2019, quando devidamente outorgado como O Orientador.

Outorgado. O cuidado com palavras e verbos. Lembrar de não utilizar (ou guardar reserva): informação, representação, analisar, apontar, através, aquilo que é em si. Não devemos achar coisa alguma: pois precisamos, sim, atenção para ler a foto, concentração para saber o que o texto nos diz. Achismo é opinião e isso, mais uma vez, não importa. Quase *fake news*, pós-verdade, distopia.

Então, tudo o que O Orientador disse, (~~acho que~~) foi mais ou menos assim, autoficcionalizando aqui. Quiçá um biografema, diria Barthes *apud* orientando #1. Ora: um traço biográfico, um fragmento (real?) ganhando (nova) vida nas narrativas de Marcelino Freire. E nas reminiscências pessoais. Também pode ser apenas opinião. E isso, sabemos, não importa.

Orientanda #2 demorou para se desamarrear das experiências de Pierre Verger e viver as suas próprias. Afetada pelas imagens de Fatumbi, buscou em Salvador, na companhia d'Orientador, entender o não-método. Retornou à dissertação “guiada pelo inconsciente”, como defendia Verger, ou ainda guiada pelo consciente acadêmico? Retratar o real era opinião, e isso já não importava.

Barthes, Fatumbi, Verger, alunos e orientandos. Todos contaminados por um devir-opinião, que pode não significar tanto enquanto resultado, mas é válido enquanto processo. É o que nos mantém vivos, alertas, dispostos ao debate com alguém ou sobre algo. O escritor Barteby responderia “Preferiria não fazer”. Nós, orientandos #1 e #2, fomos do simplismo ao pensamento crítico.

Se a nossa opinião importa? Se a literatura ou a foto carregam (um) real? “São perguntas vãs, eu sei, perguntas inconsequentes que a foto impõe ou sugere. É porque a foto cala que eu me obrigo a dizê-la, que eu insisto em traduzir sua retórica, em captar sua tortuosa sentença. [...] é que enfim chego a entender quanto mentem as fotos com seu silêncio” (Julián Fuks, em *A resistência*).

Em meio a mentiras ou verdades, a provocação d'Orientador vai nos conduzir sempre. Isso não é opinião. Isso é o que interessa.

---

*O orientando #1 pesquisou a obra do escritor Marcelino Freire sob o conceito de biografema de Roland Barthes. A orientanda #2 relacionou as fotografias realizadas pelo não-método de Pierre Fatumbi Verger à Teoria do Afeto, de Baruch Espinosa.*



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.